



**O PAPEL DA IGREJA NA RESTAURAÇÃO
DE VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL**
THE ROLE OF THE CHURCH IN THE RESTORATION
OF VICTIMS OF SEXUAL ABUSE

**Jéssica Miyake Coe Keppe¹
Fridbert August²**

RESUMO

As vítimas, que em sua maioria trazem diversas marcas em decorrência do abuso sexual, necessitam do acolhimento correto e uma Igreja capacitada para fazê-lo. O objetivo do presente trabalho é despertar nos leitores, principalmente cristãos, interesse em combater o abuso sexual e lidar com aqueles que já foram afetados pelo mesmo. O método utilizado foi pesquisa bibliográfica, cujos livros e artigos são de autores cristãos e especialistas no assunto. Constatou-se que os casos de abuso sexual são mais frequentes do que as estatísticas podem mostrar. Neste sentido há um grande trabalho para a Igreja no que diz respeito a este tema e ainda que seja um assunto complexo de ser lidado é possível para a Igreja tornar-se relevante na sociedade, lidando com aqueles que foram afetados pelo abuso. A Igreja pode e deve participar da restauração de vítimas de abuso sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso sexual. Igreja. Restauração de vítimas.

ABSTRACT

The victims, which mostly have many marks in consequence of the abuse, need the right refuge and a capacitated Church to do it. The objective of the present assignment is to arouse in the readers, mainly Christians, interest to fight the sexual abuse and handle right with those who were already affected for it. The method used was bibliographic research, with books and articles belong to Christian writers and specialists in this subject. It was found that the cases of

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Fidelis. je_miyake@hotmail.com

² Especialista em Ministério Pastoral pela Faculdade Fidelis. Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. Fridbert.august@fidelis.edu.br

sexual abuse are more common than the statistics can show. In this sense, is there a big job to the Church about this subject-matter and, although this is a complex subject to be handled, it is possible to the Church become relevant in the society, helping with those who were affected by the abuse. The Church can and must be a part in the restoration of victims of sexual abuse.

KEYWORDS: Sexual abuse. Church. Victims restoration

INTRODUÇÃO

Certamente há uma grande carência por parte da Igreja em compreender o Evangelho como um instrumento poderoso e ao mesmo tempo simples, que é capaz de restaurar a vida de cada indivíduo marcado pelo pecado. Existe uma urgência em utilizar a Palavra de Deus como uma mensagem contemporânea, sem perder sua essência, atingindo então os problemas atuais que a sociedade enfrenta.

A importância e o papel da Igreja na restauração de vítimas de abuso sexual é o tema abordado neste trabalho. A escolha do tema deve-se pela relevância do assunto na sociedade atual. O abuso sexual é uma prática perversa e um assunto muito antigo que em muitos lugares ainda permanece como um tabu. Seus efeitos são totalmente prejudiciais tanto para quem sofreu quanto para quem o praticou. A Igreja, como instituição social não só pode, mas deve fazer algo pelas vítimas. Em muitos casos é extremamente necessário o trabalho do profissional de psicologia. Este estudo não tem como objetivo excluí-los dessa função, porém se limitará a abordar em como a Igreja pode lidar com a demanda do assunto.

É muito comum encontrar vítimas de abuso sexual por todos os lugares, inclusive dentro das Igrejas. Na grande maioria das vezes, principalmente se tratando de crianças, elas não possuem voz ativa e muito menos alguém que fale por elas, seja pedindo ajuda ou denunciando o agressor. Acredita-se que é extremamente necessária a ajuda de pessoas que lutem por esta causa, combatendo firmemente a violência sexual. Na convivência com um grupo formado por adolescentes que frequentam uma igreja evangélica, observou-se que grande parte deles sofreu abuso sexual. O acolhimento adequado a essas vítimas contribuiu para o processo de cura dos traumas em relação à violência que sofreram. Esta é a justificativa pessoal desta acadêmica para a escolha deste tema.

A falta de conhecimento sobre o assunto pode resultar em vítimas que necessitam de ajuda, mas não encontram acompanhamento adequado dentro das Igrejas e por esse motivo, não alcançam a cura e restauração das suas emoções e de um profundo relacionamento com Deus.

Pode-se afirmar que, tratando de autores cristãos brasileiros, não há um grande número de materiais e bibliografias no meio acadêmico. Sendo assim, entende-se que se houver maior investimento acadêmico a respeito deste assunto, melhor seria o preparo dos cristãos e maior incentivo à Igreja para lidar com casos de abuso sexual.

O objetivo do presente trabalho é despertar nos leitores o interesse pelo tema e provocar atitudes positivas com relação ao combate do abuso sexual, bem como a ajuda àqueles que estão em situação de violência sexual ou já foram afetados por ela, a continuarem suas vidas sem o pesar das consequências causadas. Para combater o abuso sexual é necessário primeiro reconhecer que ele existe e tem devastado a vida de muitas pessoas. Uma Igreja bem preparada para prevenir o abuso e restaurar pessoas emocionalmente e espiritualmente pode contribuir muito para uma sociedade mais saudável.

A metodologia utilizada para este estudo é a pesquisa bibliográfica de livros e artigos que abrangem o assunto, cujos autores são cristãos, experientes e especializados em atendimento às vítimas de abuso sexual.

Para se chegar ao objetivo final foram levantadas algumas questões como: Definição do abuso sexual; os efeitos do abuso sexual nas vítimas (emocionais, físicos e espirituais); o papel da Igreja e a importância da restauração dos sobreviventes.

1 DEFINIÇÃO DE ABUSO SEXUAL

Pode-se entender o abuso sexual como a prática de forçar, por meio de força física ou emocional, alguém a se envolver sexualmente com o agressor. O termo “abuso” está registrado no dicionário Aurélio de Português como o uso de algo de forma inconveniente, errada e excessiva³. O abuso sexual pode ser praticado contra crianças, adolescentes, adultos ou idosos. Quando se trata de crianças e adolescentes o abuso geralmente ocorre quando um adulto se aproveita do menor para se satisfazer sexualmente, seja através do ato sexual com penetração, toques, de expor o menor a materiais pornográficos e até mesmo seduzi-lo com vocabulário impróprio para sua idade. Segundo Langberg e Clinton (2012, p. 60), o Centro Nacional de Abuso e Negligência de Crianças entende que o abuso sexual infantil é o contato entre uma criança e um adulto, cuja criança é usada para a estimulação sexual do abusador ou de outro envolvido que esteja em posição de autoridade ou controle sobre a vítima. Segundo Gary R.

³ Pesquisa realizada no site Dicionário Aurélio (<https://dicionariodoaurelio.com/abuso>) em 06/11/2017.

Collins (2004, p. 347), no abuso sexual estão presentes as práticas como o exibicionismo, o coito forçado e carícias nos órgãos genitais do indivíduo menor e indefeso.

A violência sexual não se limita apenas a crianças, ela pode ocorrer também contra adultos e idosos. Sendo assim, toda forma de coerção e exposição a algo de conotação sexual da parte mais forte ou em posição de autoridade à parte mais fraca se caracteriza como abuso sexual.

O abuso sexual é considerado crime hediondo no Brasil, segundo Diane Langberg (2002b, p. 58). Para Langberg e Clinton (2012, p. 62), o abuso sexual é crime e deve ser relatado aos órgãos competentes relacionados ao assunto. Sendo a vítima menor de dezoito anos é uma obrigação ética denunciar para trazer proteção à criança.

Conforme o Código Penal (CP) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a violência sexual é crime. Pode-se basear essa informação em alguns dos artigos do CP como o 216, 217 e 218.

Assédio sexual:

Art. 216-A. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. Pena – detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos (...).

§ 2º A pena é aumentada em até um terço se a vítima é menor de 18 (dezoito) anos.

Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos. Pena - reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos (...).

§ 3º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave. Pena - reclusão, de 10 (dez) a 20 (vinte) anos (...).

Corrupção de menores:

Art. 218. Induzir alguém menor de 14 (catorze) anos a satisfazer a lascívia de outrem. Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos.

Satisfação de lascívia mediante presença de criança ou adolescente:

Art. 218-A. Praticar, na presença de alguém menor de 14 (catorze) anos, ou induzi-lo a presenciar, conjunção carnal ou outro ato libidinoso, a fim de satisfazer lascívia própria ou de outrem. Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

Muitas denúncias não são realizadas de maneira oficial e isso acaba dificultando o número exato de abusos registrados em pesquisas. No Brasil há uma grande carência de estatísticas que mostrem os casos de abuso sexual, mas é possível ter uma ideia através dos dados de estimativas que, para Langberg (2002b, p. 59), indicam que uma em cada quatro mulheres e um em cada seis homens terão sofrido violência sexual. Segundo a ONU, uma em

cada cinco mulheres brasileiras sofre violência sexual (COELHO, 2010, p. 17)⁴. Langberg e Clinton (2012, p. 60) afirmam que cerca de duas em cada dez meninas são abusadas por volta dos treze anos. E Frank (1994, p. 16) citou uma pesquisa indicando que 34 milhões de mulheres nos Estados Unidos são vítimas de abuso sexual quando crianças. O cálculo mostra que a cada dois minutos uma criança era molestada.

Entende-se então que as estatísticas mostram um grande número de casos de abuso sexual e milhares de homens e mulheres são expostos a esse tipo de violência em algum momento de suas vidas.

Muitos casos não são denunciados, por uma série de fatores. Um deles é o medo da vítima em expor a violência sofrida. Isso acontece porque muitos casos ocorrem no ambiente familiar, que se denomina abuso intrafamiliar. Sendo assim, a vítima tem dificuldades para denunciar seu agressor pelo fato dele ser da família. Geralmente os abusadores utilizam de ameaças e chantagens para que a vítima não exponha o abuso sofrido.

Portanto, o abuso sexual acontece e é crime. As estatísticas mostram o quanto é comum e está presente na sociedade, atingindo as mais diversas faixas etárias e classes sociais.

2 CAUSAS E EFEITOS DO ABUSO SEXUAL

Segundo Coelho (2010, p. 11), quando o abuso sexual ocorre dentro do ambiente familiar, denomina-se incesto. Pode-se afirmar que o incesto é consequência de uma dinâmica familiar desestruturada, cuja família apresenta limites precários, casamento transtornado e crianças sendo forçadas a executar papéis de adulto. Langberg (2002a, p. 81) afirma: “Famílias incestuosas geralmente se enquadram numa de três categorias: dominadas pelo homem, dominadas pela mulher ou caóticas.” Sendo assim, pode-se compreender que famílias onde o homem é a figura dominante e autoritária são propícias a apresentarem casos de incesto, assim como a família cuja mãe domina e menospreza a figura do pai ou lares caracterizados por abandono e negligência.

Langberg (2002a, p. 78) coloca que o incesto não pertence a um lar saudável. Muito pelo contrário, quando a dinâmica familiar é saudável existe um ambiente seguro para os filhos.

Para se chegar ao ponto principal, que é a restauração das vítimas de violência sexual, é necessário discorrer sobre os possíveis efeitos devastadores que esse ato causa nos

⁴ COELHO, 2010, p. 17 *apud* BLASI, 1997, p. 9.

sobreviventes. As consequências e marcas que o abuso sexual pode gerar são muitas e várias delas acompanham permanentemente a vítima até que sejam devidamente tratadas e superadas. Todo abuso gera trauma, mesmo que a própria pessoa não perceba ou até mesmo nem lembre que sofreu abuso sexual. O trauma, do grego *traûma*, “São os atos, ferida, dano, avaria e significa agressão ou experiência psicológica muito violenta”⁵.

Langberg (2002b, p. 120-121) afirma: “quando sofremos abuso sexual ou físico por parte de alguém que não conseguimos impedir, sofremos um trauma. Sentimo-nos totalmente desamparados”. O efeito não se dá somente no físico, mas também no emocional e espiritual. Os efeitos podem tomar proporções diferentes de acordo com o tempo em que a vítima foi abusada, que idade a vítima tinha quando o abuso começou, se o abusador é alguém da própria família e o quão invasiva foi a agressão. Certamente quanto mais próximo for o abusador, sua diferença de idade com a vítima e quanto tempo durou o abuso, tanto maior será o estrago. Deve-se ressaltar que cada pessoa reage ao abuso sofrido de uma forma diferente. Os efeitos e sequelas variam de pessoa para pessoa.

Dan Allender (1999, p. 42) entende que, independentemente do tipo de abuso sofrido, o dano sempre irá atingir a alma da pessoa. Os efeitos listados a seguir são comuns na vida de quem sofreu o trauma, porém ao observar alguém que possua tais efeitos não se pode utilizá-los como prova de que este tenha sido vítima de abuso sexual. Para Langberg (2002a, p.83), os efeitos são indicadores e não provas de que houve abuso sexual.

2.1 EFEITOS EMOCIONAIS

As emoções são parte do ser humano, não há como eliminá-las. Elas podem variar e mudar repentinamente. É preciso aprender a lidar com cada uma delas. Para Langberg e Clinton (2012, p. 62) algumas das reações imediatas ao abuso são: a negação, confusão, afastamento e choque traumático. Outras serão citadas a seguir.

Um sentimento presente na maioria das vítimas é a culpa. Para Langberg (2002a, p. 84) muitas vítimas sentem como se de alguma forma tivessem provocado e atraído o abuso. Outras por não terem conseguido se defender efetivamente e acreditar que atraem tudo o que é ruim para suas vidas. Langberg (2002b, p. 123) coloca como exemplo uma de suas pacientes, que sentia uma grande culpa porque seu pai afirmou que ela havia gostado do abuso. Se tratando da

⁵ Pesquisa realizada no site Priberam (<https://www.priberam.pt/dlpo/trauma>) em 24/10/2017.

recuperação da vítima, Kornfield (2000, p.79-80) coloca que é importante ajudá-la a entender que não é a culpada pela violência que sofreu e sim de fato, uma vítima.

A autoimagem da vítima geralmente foi danificada e a percepção de si próprio se torna distorcida porque muitos se sentem como um lixo, violados ou alguém desprezível e sem valor. Para Collins (2004, p. 352) a pessoa que foi vítima de violência sexual tende a ter baixa autoestima. Portanto a vergonha é um sentimento que combate frequentemente. Toda a ideia de valor do sobrevivente foi destruída e geralmente considera-se pouco atraente e capaz de entrar em qualquer relacionamento. Langberg (2002a, p. 97-98) afirma que a vergonha é um sentimento doloroso e humilhante, o qual a pessoa sente de si mesma.

Outro sentimento muito presente na vítima, principalmente quando o abusador foi alguém que deveria ter protegido e cuidado da criança ou do adolescente, é a falta de confiança. Todo o senso de proteção e confiança da criança passa a ser danificado, tornando adultos que podem apresentar grande dificuldade em acreditar e confiar em outros. Langberg (2002b, p. 143) afirma que toda a capacidade de expressar o amor, e recebê-lo foi danificado. Porque a vida que era para ser valorizada, honrada e respeitada, foi desvalorizada e violentamente desrespeitada. A partir disso, alguém que foi violentado terá uma grande dificuldade em confiar novamente no outro.

O Dr. Mark R. Laaser (2013, p. 105) afirma:

Muitas vezes o abusador sexual é alguém de confiança. Como resultado, a vítima pode ter dificuldade de confiar nas pessoas. Se o abusador for um homem, pode não confiar nos homens. Se for um profissional, pode não respeitar as autoridades. Se for um pastor, não confiará em Deus.

Para Collins (2004, p. 352) existe uma grande dificuldade para a vítima em ser sociável, ela pode apresentar atitudes de reclusão e se afastar cada vez mais das pessoas ao seu redor.

Pode-se afirmar que é natural que o ser humano sinta raiva em diversas circunstâncias. Não há como eliminar totalmente esse sentimento, de modo que nunca mais uma pessoa sinta raiva. Porém a raiva, mesmo que sentida, pode certamente ser dominada através do autocontrole. Já as vítimas de abuso sexual, em sua maioria, se tornam adultos cheios de ódio e rancor. Possuem muita raiva do agressor e do que ele a forçou a fazer. Segundo Kornfield (2008, p. 65, 68) a ira é uma resposta a algo que incomoda ou ameaça. A dor que foi gerada no passado pode produzir reações de raiva da vítima no presente. A ira é altamente destrutiva e pode gerar muitas consequências. Para Langberg (2002b, p. 126-127) a raiva é uma reação comum ao mal, à iniquidade e à opressão. Mesmo que alguém consiga esconder sua raiva por muito tempo,

certamente uma hora ela aparecerá fazendo muitos estragos.

Outra sequela, como consequência do abuso sexual, é a vítima possuir uma imagem distorcida de si mesma. Segundo Langberg (2002a, p. 85) a pessoa pode considerar seu próprio corpo como um problema, enxergando ele magro demais ou gordo demais. Algumas vítimas do sexo feminino possuem a necessidade de cobrir seu corpo o máximo possível para que ninguém as note. Outras, pelo contrário, se vestem a ponto de intencionalmente atraírem olhares para elas mesmas. Ao atraírem olhares, sentem como se estivessem sendo notadas e percebidas.

Por fim, se tratando dos efeitos emocionais que a violência sexual pode causar à vítima, é preciso citar o medo. De maneira equilibrada, ele traz alguns benefícios como a prudência à pessoa. O grande problema é quando ele é sentido e expressado demasiadamente. O medo surge quando uma situação gera a sensação de perigo na vítima. Também pode ser considerado como intimidação. Ele tem o poder de paralisar qualquer ação do indivíduo, quando não dominado. Kornfield (2008, p.80) coloca o medo como um desejo sufocante de fugir de algo. Nos sobreviventes de violência sexual, esse sentimento pode estar muito presente toda vez que a vítima se aproxima de um novo relacionamento ou está para enfrentar uma nova situação em sua vida. Langberg (2002b, p. 120) cita as palavras de um de seus pacientes dizendo: “O medo é que é insuportável. Eu o encubro relativamente bem, raciocino, mas ele nunca vai embora. Tenho medo de homens, de mulheres, da escuridão, de espaços apertados, do sono, do toque. Nunca relaxo. Nunca me sinto seguro.”

Portanto muitas sequelas estão presentes como forma de sentimento, nem sempre em ações perceptíveis.

2.2 EFEITOS FÍSICOS

Neste tópico, serão citados alguns efeitos de ordem física da vítima. Ações que são decorrentes do abuso sexual, que geraram tal impacto a ponto destas ações se tornarem vícios. Alguns serão citados a seguir.

O vício sexual é frequente nos sobreviventes de abuso sexual. Allender (1990, p. 198-200) afirma que problemas na área sexual é algo muito comum nas vítimas. Elas são mais propensas a terem relações sexuais de risco, por exemplo, terem relações sexuais precocemente e sexo desprotegido. Existe a possibilidade de apresentarem aversão ao sexo ou também o vício pela atividade sexual. Alguns podem, inclusive, optarem por parceiros do mesmo sexo. A

aversão ao sexo vai desde ter distúrbios no desejo até dificuldade de orgasmo. Quando se fala no vício pelo sexo, a vítima pode possuir uma prática compulsiva de masturbação, prostituição, relações com vários parceiros e também sexo sadomasoquista.

Langberg (2002a, p. 87) coloca que nesse estágio de disfunção, o sexo é visto pelos sobreviventes como uma prática que alivia a carga de ansiedade e estresse. Laaser (2013, p. 113) coloca que pesquisas mostram que a relação sexual pode alterar a química do cérebro e liberar um sentimento profundo de prazer. Então através do sexo, a vítima utiliza a relação como uma droga para anestesiar seus medos, tristezas e frustrações. Os vícios sexuais na maioria das vezes são gerados por experiências sexuais abusivas no passado.

Outro vício que atinge fortemente as vítimas de abuso sexual é o vício em drogas e álcool. Collins (2004, p. 352) afirma que algumas vítimas tentam encontrar refúgio na bebida alcoólica. É comum apresentarem essa sequela. Como foi visto no tópico acima, parte das vítimas possuem disfunções sexuais e podem ser viciadas em sexo. Por volta de 50% dos dependentes em sexo são também alcoólatras⁶.

Um dos pacientes de Langberg (2002b, p. 119) afirma:

Sentimentos? Sem dúvida tenho sentimentos – ódio, raiva, medo, vergonha. Não consigo suportar o peso deles. Mato meus sentimentos com álcool, drogas, qualquer substância que consigo encontrar. Esse é o único caminho que conheço para manter meus sentimentos encobertos.

É muito comum que os sobreviventes de abuso sexual tenham a prática de automutilação. Assim como o vício em sexo e drogas, a automutilação é considerada pelas vítimas uma maneira de desviar a tensão e ansiedade. Nisso, incluem atitudes como cortar-se, arranhar-se, queimar-se e tudo o que pode vir a machucar o próprio corpo.

Quando se trata de abuso sexual, infelizmente é preciso pensar que as vítimas podem sofrer de doenças de longa duração. Langberg e Clinton (2012, p. 61) citam que algumas doenças de longa duração podem estar relacionadas com o abuso sexual como distúrbios gastrointestinais, dor pélvica crônica, síndrome pré-menstrual e também dores de cabeça crônicas. Outras são citadas por Jan Frank (1999, p. 42) como anorexia, bulimia e desordens de sono. Coelho (2010, p. 20) também acrescenta as doenças sexualmente transmissíveis e infecções urinárias. Ou seja, além de causar uma série de efeitos negativos à vítima de ordem

⁶ Mark R. Laaser, Curando as Feridas do Vício Sexual (Curitiba: Esperança, 2013) *apud* Patrick Carnes, *Don't Call it Love* (Nova York: Bantam, 1991)

emocional e física, é possível ainda que ela tenha que conviver com uma doença de longa duração e até mesmo destrutiva.

2.3 EFEITOS ESPIRITUAIS

A imagem de um Deus amoroso, gracioso e bondoso pode perder-se e ser distorcida na mente da vítima. Frequentemente, ela passa a ver Deus como um ser punitivo e indiferente. Da mesma forma, Dan B. Allender (1999, p. 12) comenta que “o abuso cria o ambiente propício que tenta nos convencer de que Deus não é bom”. As convicções a respeito de quem Deus é podem ser abaladas e toda a capacidade de enxergá-lo como bom desaparece.

Diane Langberg (2002a, p. 154) cita a maneira como uma das sobreviventes de abuso sexual enxerga a Deus: “Os olhos da criança violentada veem Deus como um juiz muito grande. Acreditei que se Ele visse o que eu estava fazendo, meu castigo seria eterno. Seguramente Ele nunca poderia me amar ou se importar com tudo.” Para ela, o abuso sexual afeta toda e qualquer convicção que a criança possa ter sobre Deus. Nesse sentido, a fé e o relacionamento que a vítima possa ter com Deus, muitas vezes, pode ser totalmente devastado. Além disso, Hebreus 11.6 diz que “sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa àqueles que o buscam.”.

Há inúmeros casos de violência sexual em lares cristãos e não somente isso, mas inúmeras crianças que foram violentadas com o pretexto de que Deus queria que aquilo acontecesse com elas. Crianças aprendem vendo o que seus pais falam e principalmente fazem. Elas tomam como verdade aquilo que seus pais ou responsáveis dizem que é. Sendo assim, uma criança que foi violentada por um familiar que alegou que era a vontade de Deus que ele a tocasse indevidamente, dificilmente conseguirá confiar em um Deus de amor. Se um familiar pode causar grande estrago espiritual na vida de alguém também podemos afirmar que quando um líder espiritual violenta uma criança ou adolescente não tem um efeito menos drástico. Todo o significado religioso e de fé podem perder totalmente o sentido.

3 O PAPEL DA IGREJA

O acolhimento empático e aconselhamento de vítimas de abuso sexual certamente são necessários dentro das igrejas. Para Crabb e Allender (2000, p.135) a questão não pode ser

pensada de maneira que ou o conselheiro cristão ou o profissional de psicologia seja a solução para as vítimas de abuso sexual, onde um anula o outro, mas que um pode complementar o outro. Não se exclui o trabalho dos profissionais de psicologia nesses casos, porém o foco é ensinar a importância da própria Igreja saber lidar com o assunto. Para um assunto tão complexo é necessário que haja líderes, pastores e obreiros capacitados a lidar com esses casos. Não é incomum ver pessoas que buscaram a ajuda de líderes religiosos para seus problemas pessoais e saíram mais feridos e machucados do que chegaram. Isso porque, na maioria das vezes, tais líderes não obtiveram a capacitação correta para o aconselhamento.

Para Crabb e Allender (2000, p. 109) a Igreja pode trazer grandes benefícios para quem está necessitando, por isso é importante que ela seja capacitada para aconselhar outros. Grande parte das pessoas que buscam ajuda na comunidade eclesial se frustra. O Corpo de Cristo deve ser equipado a fim de conduzir os corações a Cristo. É relevante citar que prevenção do abuso sexual por parte da Igreja é tão importante quanto a restauração. Isso porque prevenir que haja vítimas, obviamente reduz a demanda no número de pessoas feridas pela violência sexual. Para Collins (2004, p. 361) é importante que a Igreja se envolva e promova programas educacionais de conscientização acerca do abuso sexual. Ele coloca que a probabilidade de ocorrer violência sexual diminui quando a vítima sabe como se proteger, onde denunciar e o que fazer se houver uma suspeita de abuso. A conscientização da Igreja em relação ao assunto é uma importante medida preventiva.

A proposta para o papel da Igreja na restauração de vítimas de abuso sexual será dividida em duas partes, sendo a primeira o papel para todos os membros que a frequentam e a segunda, o papel do conselheiro cristão.

3.1 O PAPEL DOS MEMBROS DA IGREJA

Diante de tantos efeitos negativos causados, é impossível pensar que a Igreja não tenha função nenhuma na restauração das vítimas de abuso. É impossível pensar que elas não se enquadram nas ordenanças de Jesus para amarmos o próximo (Mt 22.39). O apóstolo João (1Jo 3.18) diz: “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de boca, mas em ação e em verdade.” É o chamado de Deus para a Igreja acolher e amparar o perdido e desorientado.

Pode-se entender, através dos textos bíblicos citados a seguir, orientações de Deus a respeito de amar e cuidar do próximo.

Em 1 Coríntios 12.12-26, a Bíblia expõe que aqueles que passam a viver suas vidas, conforme Cristo deseja, se tornam um só corpo, a saber, a Igreja. O texto não faz distinção entre os membros que parecem ser mais fracos ou mais fortes em um corpo, pelo contrário, afirma que todos têm grande importância e se um membro sofre, todos os outros passam a sofrer também. Então, a partir disso, pode-se entender que, quando uma parte da Igreja sofre, toda a Igreja deveria sentir a dor também e se mobilizar para dar suporte e cuidado à parte sofredora.

Mesmo dentro do Corpo de Cristo, onde as pessoas deveriam ser acolhidas, existem indivíduos que têm sido esquecidos, negligenciados e menosprezados quando mais precisariam de ajuda. O propósito de Cristo quando veio ao mundo foi resgatar o que havia sido perdido (Lc 19.10), redimir a humanidade (Tt 2.13-14) e trazer a possibilidade de cada ser humano poder ter acesso a Deus novamente (Rm 5.10). Essa obra inclui restauração de espírito, corpo e alma também (1Ts 5.23). Enquanto houver almas feridas e machucadas elas serão alvo do amor e da obra redentora de Cristo e cada servo de Deus tem o compromisso então de levar restauração a elas.

O outro texto refere-se a uma orientação de Deus para os israelitas, que é encontrado em Êxodo 25.8. Esta orientação seria para que eles construíssem um santuário terrestre, ou seja, um santuário para que Deus pudesse habitar no meio do povo. O Templo no Antigo Testamento era um lugar santo e também um lugar de refúgio para os oprimidos (Sl 15.1-4). Através do Novo Testamento, entende-se hoje que o templo de Deus são pessoas (1Co 6.19) e não lugares propriamente ditos. O templo de Deus, portanto, são aqueles que expressam sua fé em Cristo e vivem conforme Sua vontade. Certamente então, os cristãos devem buscar a santificação e procurar serem aqueles que promovem a paz e refúgio para os pobres e oprimidos.

Entende-se então, que a Igreja deve ser um local acolhedor às vítimas de violência sexual. Coelho (2010, p. 34) afirma que os sentimentos que foram reprimidos ao longo do tempo, como o ódio, raiva e desespero, terão que vir à tona em algum momento. E estes, precisam ser colocados diante de Deus em oração. Segundo ela, “As vítimas de abuso precisam de um lugar acolhedor em que isso possa acontecer sem que sejam consideradas hereges ou rebeldes”.

Muitos foram feridos por pessoas e a esperança de cura, igualmente deve acontecer através de pessoas. Para Coelho (2010, p. 40) é necessária uma conscientização da Igreja em relação ao assunto para que ela esteja cada dia mais aberta a acolher as vítimas de abuso. Para que ocorra essa conscientização, a seguir estão algumas sugestões de Coelho (2010, p. 39-40):

- a) Discutir sobre o assunto da violência, como ele permeia a vida cotidiana, não somente de forma aberta, mas frequentemente de forma velada e insidiosa com os diversos grupos de interesse dentro da igreja. A igreja deve questionar e eliminar o pensamento patriarcal.
- b) Conhecer, compreender e analisar as manifestações locais da violência onde a comunidade está inserida.
- c) Registrar e compartilhar com a comunidade ações afirmativas tomadas neste processo que possam servir de diretrizes para outras pessoas que procurem ajuda semelhante. Preparar a equipe pastoral e divulgar a possibilidade de colaborar em casos de abuso sexual.
- d) Utilizar o púlpito como local de ensino bíblico com aplicação prática nas questões de violência, usando linguagem apropriada. Deve-se nomear o abuso sexual como pecado e pregar sobre o tema.
- e) Examinar e revisar a teologia de sua igreja para encontrar ensinamentos que estejam associados ao abuso. Corrigir conceitos teológicos equivocados que favoreçam um ambiente de opressão a mulheres e crianças, de modo a alcançar a mensagem essencial do evangelho, que assegura vida para todos.
- f) Ensinar continuamente sobre sexo e sexualidade sadia para as diferentes faixas etárias da comunidade. Promover classes de educação sexual para crianças, adolescentes, jovens e adultos e pregar sobre o tema em diferentes cenários, ensinando os padrões bíblicos de uma sexualidade sadia. Proporcionar oportunidades em que as pessoas possam compartilhar acerca de assuntos sexuais.
- g) Falar diretamente sobre a violência e o abuso sexual nos diferentes cenários onde os grupos se reúnem dentro da comunidade. Utilizar a influência da congregação para rejeitar a pornografia e outros meios que erotizam a violência.
- h) Estabelecer conexão entre as mais variadas instituições sociais no sentido de fortalecer a rede de apoio às vítimas. Desenvolver trabalhos visando a ampliação da cidadania e eliminação de todas as formas de violência em nossa sociedade.
- i) Cuidar dos líderes para que sejam modelos de uma vida sexual saudável e equilibrada.
- j) Ensinar e equipar a comunidade cristã para promover o acolhimento e aceitação das vítimas extremamente feridas física e emocionalmente por sequelas do abuso sexual sofrido.

Tendo como base essas orientações, certamente a Igreja estará mais aberta e apta para lidar com o assunto do abuso sexual de maneira correta. Pode-se citar, como exemplo de apoio a vítimas de abuso sexual, o Ministério Rever⁷ que tem como visão e missão igrejas com uma liderança saudável e ministérios de restauração.

3.2 O PAPEL DO CONSELHEIRO CRISTÃO

A Igreja como um todo deve estar preparada para acolher as vítimas de violência sexual, mas também é preciso entender que nem todos os membros da Igreja conseguirão dar continuidade ao processo de cuidado e aconselhamento da vítima. Às vezes, será necessário continuar o processo com uma pessoa que esteja mais capacitada e treinada para levar o assunto

⁷ Pesquisa realizada no site Ministério Rever (<http://www.ministeriorever.com.br/index.php/en/pages/missao>) em 10/11/2017.

adiante. Neste caso, pode-se chamar esta pessoa de conselheiro cristão.

Um conselheiro cristão capacitado é alguém comprometido em representar a Cristo na vida de outros. Não é somente conquistar pessoas para dentro de suas próprias igrejas, mas sim promover reconciliação, restauração e libertação para que cada indivíduo experimente a graça de Jesus Cristo. O apóstolo João (1Jo 3.18) disse: “Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade.” Esse amor precisa ser demonstrado com atitudes.

Para Allender e Crabb (2000, p. 138), a intimidade com Cristo “nos capacita a entrar na vida de outras pessoas com poder de cura”. É preciso que o indivíduo que acolhe a vítima de abuso sexual a enxergue como uma sobrevivente, capaz de ser restaurada. Para Langberg e Clinton (2011, p. 399), entrar na vida de alguém que está em crise deve ser feito como Cristo fez, isto é, ele entrava no meio do caos e do sofrimento e levava paz aos aflitos.

O conselheiro deve ser treinado a lidar com situações complexas e, mesmo assim, pode-se dizer que casos de abuso sexual exigem um cuidado especial da parte do conselheiro. É preciso alguns cuidados ao aconselhar vítimas e tratando-se da maneira correta de realizar esse processo. Diane Langberg (2002a, p. 311) coloca que os sobreviventes de abuso sexual necessitam de um sentido de pertencer a um grupo. O conselheiro pode se esforçar em fazer bem esse papel, dando espaço e apoio para as vítimas. Uma segunda necessidade da vítima é ter alguém que se importe com ela. Isso deve ser mostrado com atitudes também. Esses apoiadores e conselheiros podem mostrar que apesar da vítima, eles possuem esperança de restauração para elas. O conselheiro pode ajudar se mantendo como alguém que ouve, ou seja, que esteja disposto a ouvir o sobrevivente sem dar coordenadas imediatas a ele. É preciso permitir que a vítima se abra no seu próprio ritmo. O aconselhamento certamente precisa ser gentil e não ofensivo. Em sua grande maioria, se o sobrevivente busca ajuda revelando o fato do abuso sofrido, certamente ele está desesperado por ajuda.

O conselheiro precisa acolher o relato da vítima como verdadeiro. Langberg e Clinton (2012, p. 65) expõem que denúncias falsas de abuso sexual são registradas como aproximadamente 1 a 4% de todos os casos, isto é, por mais que haja falsas denúncias, elas são minoria. Não é papel do conselheiro duvidar da vítima a menos que se tenha uma razão muito clara para duvidar.

A cura de alguém ferido sexualmente pode demorar muito tempo e nesse sentido o conselheiro deve ser paciente e disposto a investir seu tempo com a vítima. Jan Frank (1999, p. 17) acredita que a recuperação emocional da vítima leva certo tempo. Não pelo fato de Deus não poder curá-la imediatamente e sim por Ele poder utilizar o tempo para trazer renovo e

instrução para o sobrevivente. É claro que além de todas essas atitudes, uma atitude poderosa em todo o processo de acompanhamento das vítimas é a oração em favor da vida delas. Em 1 Timóteo 2.1 está escrito: “Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens.” Langberg (2002a, p. 313) afirma que algumas vezes uma vítima de abuso sexual vai desejar somente que seu conselheiro ore por ela e não com ela.

Deve-se ressaltar um ponto de extrema importância no processo de restauração das vítimas de abuso sexual. Este ponto se chama “sigilo”. As confidências de um sobrevivente não podem ser expostas, nem com o pretexto de serem pedidos de oração em favor da vítima. Essas vítimas de abuso com certeza se sentiram traídas muitas vezes e possuem grande dificuldade de confiar em outras pessoas. Portanto a maneira de ajudá-las a confiar novamente é sendo um conselheiro confiável.

Existe uma linha tênue entre confidência e segredo. E Gary R. Collins (2004, p. 360) lembra que essas duas coisas são distintas. Ele coloca:

Segredo é a promessa absoluta de jamais revelar a informação a ninguém, sob nenhuma circunstância. Confidência é a promessa de guardar o relato em confiança e só revelar essa informação a outros se for para beneficiar o aconselhando ou a sociedade. De vez em quando, o conselheiro precisa quebrar a confidência para tentar evitar a violência.

Portanto, o conselheiro tem o dever ético e moral de denunciar o abuso sexual, prestando assim o devido socorro à vítima.

Pode-se compreender então que o conselheiro cristão tem um papel fundamental na restauração de vítimas de abuso sexual. Ele pode trazer alívio e esperança ao sobrevivente.

4 A IMPORTÂNCIA DA RESTAURAÇÃO

Quando se pensa em uma vítima sendo tratada adequadamente é possível enxergar muito além do que somente a ferida dela sendo curada, existe um alcance muito maior. Isso porque um ciclo abusivo pode ser quebrado. Como já mencionado anteriormente, um abusado tem grande propensão em se tornar um abusador, então, quando a Igreja intervém ela colabora para a quebra desse ciclo vicioso, abençoando assim, gerações. Jan Frank (1999, p. 44) citou:

Se o pecado não for tratado, ele poderá transmitir-se de geração em geração. As vítimas não querem abusar de seus filhos, mas, pelo exemplo que receberam e pelo escopo limitado de suas alternativas comportamentais, elas se descobrem no papel de agressor.

Toda a violência aprendida através dos abusadores pode ser revertida e essa pessoa que um dia foi uma vítima de violência terá a possibilidade de propagar a paz que Cristo oferece (Jo 14.17). Aquele sobrevivente de abuso que um dia aprendeu que seu corpo não valia nada encontra valor novamente ao compreender que foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26) e para ser templo do Espírito Santo (1Co 6.19). A vítima que antes possuía tanto medo que era incapaz de se relacionar com alguém, através da graça de Deus pode então pertencer à uma comunidade eclesial e ser a própria Igreja por onde for, sendo ela testemunha viva do Cristo. O sobrevivente que se sentia injustiçado e rejeitado ao se deparar com a notícia de que Jesus, mesmo não tendo pecado algum, se fez culpado para que ele fosse limpo e inocente, é tomado pela possibilidade de restauração de toda a sua história.

Então, pode-se entender o quanto é importante que a Igreja aja em favor da restauração da vítima. A Igreja tem a possibilidade de quebrar um ciclo abusivo e transformá-lo, juntamente com a vítima, em uma vida restaurada.

É também de muita importância citar rapidamente a situação na qual o abusador se encontra. Ele certamente é alguém que Deus deseja alcançar. Encontra-se em 1 Timóteo 2.4 “O qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.” É natural que haja em cada pessoa um sentimento de revolta contra aqueles que praticam atos violentos e abusivos contra outros, porém como cristãos, apesar da indignação, é preciso enxergar o próximo como um alvo do amor e da salvação de Cristo Jesus. Isso não isenta o cristão de denunciar o abusador, obviamente, mas de demonstrar a ele a compaixão e a justiça de Deus.

Collins (2004, p.359) afirma que os abusadores também precisam de terapia e aconselhamento. Segundo ele, as pesquisas mostram entre 35 e 80 por cento dos agressores sexuais que não recebem ajuda tornam a violentar. Ele cita ainda que “a probabilidade de ocorrer a repetição do abuso é menor entre os que passam por terapia.” Alguns abusadores não sabem se comunicar de forma não violenta e apropriada. Para Collins, lidar com os abusadores é um processo longo, por isso é necessário e importante que o conselheiro seja mais experiente. É importante que o agressor entenda sobre o perdão até por decidir perdoar a si mesmo pelo que praticou. Para Mark R. Laaser (2013, p. 96) o abuso é um ciclo vicioso e por isso ele se estende, muitas vezes, por gerações. O abusador por ter sofrido também quando era criança,

pode apresentar a pré-disposição de violentar como foi violentado.

Sendo o abusador alcançado pelos valores e princípios bíblicos, juntamente com o acompanhamento de conselheiros cristãos preparados e comprometidos com Deus, um ciclo de abuso poderá ser finalizado. Esta é a importância da restauração na vida dos abusadores.

É importante pensar que as vítimas e abusadores não estão somente fora das igrejas, nas comunidades e famílias onde as pessoas não conhecem a Jesus Cristo. Quando se pensa na importância da restauração das vítimas de violência sexual e seus abusadores, é fundamental entender que alguns se autodenominam cristãos e estão dentro das igrejas, exercendo papel de líderes espirituais, pastores, etc. Uma matéria publicada em 2011 por Alexandre Gonçalves⁸ afirma que:

Infelizmente, afirmamos que a violência contra crianças e adolescentes acontece também, e com certa frequência, no ambiente de lares cristãos. Ainda não existem dados verificados por pesquisas que apontem números concretos do fenômeno da violência doméstica em lares cristãos no Brasil. No entanto, há um estudo feito no contexto norte-americano indicando que os índices de casos de violência que ocorrem na sociedade em geral equivalem aos que ocorrem entre os membros da Igreja (Calvin College Research Center, Agenda for Synod, 1992, p. 320*). Ou seja, a mesma proporção de casos de maus tratos, violência física e sexual ocorridos na sociedade foram verificados em lares cristãos.

Isso quer dizer que a Igreja está cheia de pessoas feridas e agressoras. Neste sentido, se não há combate por parte da Igreja em restaurar pessoas, o que se perpetua são igrejas doentes, formadas por líderes machucados e feridos. É extremamente necessário combater o abuso sexual e lutar pela cura das partes envolvidas, pois essa violência sexual pode estar ocorrendo e se perpetuando entre o povo de Deus.

CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como objetivo definir de forma clara e objetiva o que é abuso sexual, mostrar alguns dos efeitos emocionais, físicos e espirituais do abuso sexual, sendo ele contra crianças, adolescentes ou adultos. O papel da Igreja frente a esse problema e sua importância no processo de restauração das pessoas que sofreram a violência sexual. Foram citadas sugestões para se lidar com as vítimas e também como se comportar com a questão da

⁸ Site Teologizar (<https://teologizar.wordpress.com/2011/08/02/o-papel-da-igreja-na-prevencao-da-violencia-contra-criancas-e-adolescentes/>) pesquisado em 24/10/2017.

confidencialidade em casos de aconselhamento à vítimas e agressores. O abuso sexual é destruidor e gera muitas marcas para quem sofreu e certamente também para quem o praticou contra outros. Os estudos e pesquisas podem dar uma boa noção dos efeitos causados por essa violência, mas somente quem sofreu pode compreender verdadeiramente o quanto ele é devastador. Uma criança exposta à convivência do abusador pode certamente gerar desgaste emocional e até mesmo doenças físicas.

A violência sexual atinge qualquer classe social, está presente nos mais variados níveis da sociedade e infelizmente não se pode eliminá-la facilmente e em um piscar de olhos. É preciso muita luta combatendo esse ato bárbaro, mesmo porque ele se perpetua no silêncio e através de muitos familiares. O sentimento que permeia alguns que leem sobre isso é de impotência, ou seja, que não há nada que possa ser feito para impedir o abuso sexual de vez. Mas Jesus ensinou com sua própria vida que é possível amar e receber tantos quantos se achegarem necessitando de socorro divino. Ele não rejeitou um sequer que desejasse restauração em sua vida.

Um cristão somente não pode salvar as vítimas de violência sexual ao redor do mundo inteiro, mas certamente pode acolher os poucos que vierem a ele, sendo assim, se cada um fizer sua parte milhares de vítimas podem ser restauradas e até mesmo prevenidas de sofrer o abuso algum dia. Pois a prevenção é uma atitude eficaz no combate ao abuso sexual. A Igreja pode e deve fazer seu papel. Ela deve ser instrumento de libertação e graça, que acolhe os que estão ao seu redor. Pode-se promover um ambiente acolhedor, de apoio, amor e oração pela vítima.

Ouvem-se muitos casos de abuso sexual diariamente nas mídias, mas na maioria das vezes o interesse no assunto é pelo sensacionalismo. É um assunto que comove o público, mas precisa ser pensado e tratado também de forma racional e prática. A bibliografia sobre abuso sexual é ainda muito escassa no Brasil e principalmente se tratando de uma visão cristã atuando contra ele, então seria muito significativo e importante se outros pesquisadores se aprofundassem e publicassem sobre o assunto. Enriqueceria e ajudaria no trabalho da Igreja.

REFERÊNCIAS

ALLENDER, Dan B. **Lágrimas secretas: Cura para as vítimas de abuso sexual na infância.** Mundo Cristão, 1999.

AURÉLIO, Dicionário. **Significado de abuso.** Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/abuso>> Acesso em 06/11/2017.

BLASI, Marcia. **Violência sexual na Infância: Rumo a um aconselhamento pastoral.** TCC (Bacharel em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1997.

- COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. **Aconselhamento Pastoral em Casos de Abuso Sexual**. 2010. 114f. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2/9/2010. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2010-09-02T082531Z-219/Publico/coelho_aatl_tmp114.pdf>. Acesso em 24/10/2017.
- COLLINS, Gray R. **Aconselhamento Cristão**: Edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 346-363.
- CRABB, Larry; ALLENDER, Dan. **Esperança no sofrimento**. São Paulo: Sepal, 2000.
- FRANK, Jan. **Uma porta de esperança**: Reconhecendo e resolvendo os problemas do seu passado. São Paulo: Candeia, 1994.
- GONÇALVES, Alexandre. **O papel da Igreja na prevenção da violência contra crianças e adolescentes**. 2011. Disponível em <<https://teologizar.wordpress.com/2011/08/02/o-papel-da-igreja-na-prevencao-da-violencia-contra-criancas-e-adolescentes>> Acesso em 24/10/2017.
- KORNFIELD, Débora. **Vítima, sobrevivente, vencedor**: Apoio prático no caminho da cura. Curitiba: Esperança, 2012.
- KORNFIELD, David. **Introdução à Restauração da Alma**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- LAASER, Mark R. **Curando as feridas do vício sexual**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2013.
- LANGBERG, Diane Mandt. **Abuso sexual**: Aconselhando vítimas. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002a.
- LANGBERG, Diane Mandt. **No limiar da esperança**: Abrindo as portas para a Cura de Vítimas de Abuso Sexual. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002b.
- LANGBERG, Diane Mandt; CLINTON, Tim. **Guia prático para o aconselhamento de mulheres**. Tradução: Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2012.
- PRIBERAM, Dicionário. **Significado de trauma**. Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/trauma>> Acesso em 24/10/2017.
- REVER, Ministério. **Visão e Missão**. Disponível em <<http://www.ministeriorever.com.br/index.php/en/pages/missao>> Acesso em 10/11/2017.